CIEP

Centro Integrado de Educação Profissional

Técnico em Radiologia

Ética e Legislação Aplicadas à Radiologia

INTRODUÇÃO

Hoje se fala muito em ética: na política, na economia, na educação, na administração, na medicina, na justiça etc. Mas quais serão os seus fundamentos? Serão as leis? Serão os costumes? Serão as tradições? Não.

Os fundamentos da ética estão nos aspectos essenciais da natureza do ser humano, conhecidos e vivenciados pela consciência, a fim de se construir a dignidade de cada pessoa na comunidade e pela comunidade.

Em razão do desenvolvimento da humanidade, o discurso ético passou a ganhar força, incentivando um movimento que se vinha verificando na última década. Em conseqüência, o comprometimento com a ética, no cotidiano profissional, passou para a ordem do dia, não apenas como mera proclamação de intenção, mas como algo, embora muitas vezes intangível, determinante para a própria sobrevivência no mercado.

O aumento da consciência em relação à relevância da conduta ética, não significa automaticamente, que ela seja praticada, pois conflitos e dilemas éticos não faltam em nosso dia-a-dia.

Assim, este trabalho tem por objetivo colocar o aluno em contato com os fundamentos da ética, trazendo para o seu conhecimento as várias faces deste tema que envolve muita reflexão e debate.

Também é abordado o Código de Ética Profissional do Técnico em Radiologia e legislação correlata à atividade profissional.

Bons estudos.

ÉTICA

2. CONCEITUAÇÕES BÁSICAS

O tempo atual está exigindo, cada vez mais, uma reflexão e uma postura ética em todos os setores da vida humana, especialmente no exercício das mais diversas profissões.

Ocorre, porém, que freqüentemente faltam os fundamentos para esta reflexão e esta postura. Para que a ética não se reduza a um conjunto de normas ou etiquetas sociais, fazendo do ser humano um autômato, é mister procurar a razão de ser dos comportamentos.

Em primeiro lugar, vamos analisar a definição e o conceito de ética, a mutabilidade de sua vivência, seu princípio fundamental, bem como seus critérios auxiliares; também será analisado o conceito de ética em relação às outras ciências, dando um destaque especial à ética profissional e concluindo com uma reflexão sobre a virtude.

2.1 - DEFINIÇÃO ESCOLHIDA

A palavra "ética" deriva do grego etos, que significa costume.

Ética, em sentido etimológico, tem significado idêntico ao radical latino mos, do qual deriva a palavra moral. Ambos os vocábulos significam costume ou hábito. Tanto a moral como a ética, se referem à "teoria dos costumes", às regras de conduta. A moral estabelece normas de conduta, normas éticas, destinadas a regular os atos humanos tendentes à consecução dos fins que ao homem são próprios. Dentre os vários conceitos existentes, adotaremos o de Sertillanges, extraído de sua obra:

“Ética é a ciência do que o homem deve ser em função daquilo que ele é”.

A ética estabelece um dever, uma obrigação,um compromisso, onde o seu fundamento é o próprio homem, pois é da sua natureza que surge a fonte de seu comportamento. Aliás, isto acontece com todas as coisas: o agir depende do ser; cada coisa se comporta de acordo com os elementos que a compõem, formando sua unidade. O que esperamos de um giz? Que ele escreva, pois é de sua natureza escrever. O que esperamos do sol? Que ele brilhe, pois isto é

da sua natureza. Assim podemos dizer de tudo o que existe: em cada ser há um conjunto de energias para produzir determinadas ações, acarretando como conseqüência certos deveres: O dever do giz é ser e agir como giz; o dever do sol é ser e agir como sol; ao contrário, o único mal do giz é não ser e não agir como giz e o único mal do sol é não ser e não agir como sol.

Igualmente vale para ser humano: a única obrigação do homem é ser e agir como homem; como, ao contrário, o único mal do homem é não ser e não agir como homem. Voltando então à definição de ética, podemos dizer que esta brota de dentro do ser humano, daqueles elementos que o caracterizam na sua essência como humano, diferenciando-o dos outros seres; ela exige antes a determinação de sua realidade ontológica para, a partir daí, estabelecer a forma de comportamento.

Qualquer situação específica da pessoa deve embasar-se na realização do fundamental; assim, o administrador, antes de ser administrador, ele é uma pessoa humana, e só vai realizar-se como administrador na medida em que realizar-se como pessoa, e o mesmo poderíamos afirmar de outras possibilidades: ser pai, professor, advogado, exige antes de tudo, ser pessoa, ser gente, ser "homem". Deste modo, a construção da ética parte das exigências ou necessidades fundamentais da natureza humana; estas não são aleatórias, mas existem no ser humano, limitando-o e identificando-o para que ele possa descobrir-se a satisfazer o que lhe é solicitado para sua realização.

Portanto é uma questão ética o desenvolvimento das potencialidades humanas, um deslanche de suas virtualidades. Antes de o homem perguntar: O que devo fazer? Como devo me comportar? Deve perguntar: O que sou? Quais são minhas energias humanas que não podem ficar represadas, mas devem ser impulsionadas? Como descobrir isto? Da mesma maneira como descobre qualquer outra coisa: usando de sua racionalidade, através da qual descobre a essência dos metais, da eletricidade etc. e, a partir disto, estabelece para que servem. Assim, usando sua racionalidade, deve descobrir sua essência, seus valores e princípios universais, suas faculdades ou capacidades, determinando também como vivê-las.

Essas constatações mostram que o objetivo da ética é apontar rumos, descortinar horizontes para a realização do próprio ser humano; ela é a construção constante de um "sim" a favor do enriquecimento do ser pessoal; por isso a ética deve ser pensada como eminentemente positiva e não proibitiva. Desta maneira, a ética não se torna uma imposição ou obrigação aleatória e até extrínseca ao ser humano: seus fundamentos objetivos têm que ser assimilados ou conscientizados pelo indivíduo humano concreto. Por isso, a ética antecede códigos, normas ou leis e analisa a mesma validade destas para o ser humano. Podemos afirmar que a ética é a ciência que tem por objetivo a finalidade da vida humana e os meios para que isto seja alcançado. Em outras palavras, Ética é o caminho para a busca do aperfeiçoamento humano.

Concluindo, o que está em jogo na ética é o ser humano, é a pessoa em todas as suas dimensões, perfazendo porém uma unidade no seu ser e no seu dever.

EXERCICIOS:

a) Existem mais de um conceito sobre "ética". Depois de revisar a teoria, qual o conceito de ética que você adotaria?

_____

_____

b) Descreva abaixo qual o objetivo da ética, no seu entendimento:

_____

_____

_____

_____

c) Para consolidar o aprendizado, veja na apostila e transcreva como pode ser resumido o "princípio fundamental da ética":

_____

_____

_____

_____

2.2 - ÉTICA E MORAL

Há uma tendência de separar ou diferenciar o sentido destas palavras, mas, como já dito anteriormente, elas são sinônimas, podendo uma substituir integralmente a outra. Assim, nada impede que em vez de "código de ética profissional" seja chamado de "código de moral profissional". Nas últimas décadas, talvez por exagero de prescrições descabidas da moral no chamado falso moralismo, criou-se a tendência de preferir a palavra "ética"; porém, mais do que se preocupar com palavras, o importante é aprofundar a razão de ser, o conteúdo, os valores que tanto a moral ou a ética nos apresentam.

2.3 - DIVERGÊNCIAS DE COMPORTAMENTO

O ser humano na sua essência é imutável, pois, se mudar sua essência, deixa de ser humano e torna-se um outro ser. É neste sentido que se indaga quando o homem começou a existir ou como o evolucionismo estuda quando ocorreu o processo de humanização. Deve ter ocorrido um momento em que a natureza se definiu como "humana"; só para ficarmos com dados historicamente claros, lembramos os "homens" primitivos (5000 aC), os "homens" egípcios (3000 aC), os "homens" romanos (750 aC), os "homens" índios americanos (1500 dC).

Ora, se podemos chamá-los de "homens", a natureza, na sua essência, é a mesma, e, como conseqüência, seu comportamento deveria ser o mesmo. Todavia é mais do que notória a diversidade de atitudes em termos de tempo como de espaço; porém, mesmo no meio desta diversidade, o que o homem procura é a realização do seu ser, que é imutável.

Podemos apontar algumas razões das divergências do comportamento humano, sem entrar no mérito do julgamento da consciência individual.

2.3.1 - Razões das Divergências

Uma primeira razão encontra-se no próprio conhecimento que o homem tem de si mesmo tanto individualmente como coletivamente. Assim, até a Baixa Idade Média, era desconhecida a existência de óvulo na mulher; inclusive os medievais afirmavam que no ato sexual o homem já colocava um "homenzinho" pronto na mulher, cuja função era fazer crescer este homenzinho, daí exigir-se da mulher uma atitude passiva ou receptiva. Ora, na medida em que vai se conhecendo melhor, a humanidade tem a possibilidade de modificar seus comportamentos.

Uma segunda razão provém do conhecimento que o homem tem de outras realidades, no sentido delas para o próprio homem. Assim, para vários povos, incluindo os judeus no tempo de Cristo, a carne de porco era impura para o homem, não só biologicamente, mas, até, espiritualmente. Aqui vale a mesma reflexão feita anteriormente: é importante que o homem, cada vez mais, descubra o sentido das coisas para ele.

Uma terceira razão engloba tradições e culturas com princípios, preconceitos e tabus que se cristalizam como uma segunda natureza. Assim, existem fatos que se perdem no passado, mas que tiveram uma razão de ser num determinado momento, e continuam ainda como paradigmas de comportamento. Por exemplo, em Biafra é tradição o jovem ajudar o velho morrer, fazendo-o subir num coqueiro que é sacudido em seguida para que ele caia. Outro exemplo é a origem do machismo, quando o homem teve que trabalhar a terra e criar animais, impondo-se pelo poder econômico à mulher.

Uma quarta razão é fornecida pelo avanço das ciências e da tecnologia, que derruba

mitos e conceitos do passado, porém, cria novos. Um exemplo que encontramos na área educacional: por milênios prevaleceu a inteligência lógica como faculdade básica determinante do conhecimento e da vida humana; hoje em dia afirma-se que 80% das decisões provêm da inteligência emocional. Estas razões mostram que a vida humana é muito mais dinâmica do que os enquadramentos que são feitos dela; mas ao mesmo tempo parece claro que o homem está sempre à procura de si, detectando razões para de fato sentir-se e viver como ser humano.

2.4 - MUTABILIDADE NA ÉTICA PROFISSIONAL

Estas quatro razões de mutabilidade de vivência ética estão presentes também na existência profissional. Platão distingue três classes sociais a partir das três almas: os filósofos, onde domina a alma racional; os guerreiros, onde domina a alma irascível; e os operários, onde domina a alma apetitiva. Logicamente estes últimos eram subordinados aos anteriores, e desta maneira se justificava também a escravidão. Entre os medievais, muitos ensinavam que Deus já criara um grupo de ricos e a grande maioria de pobres para trabalhar para os primeiros. Aliás, o sistema capitalista na prática mantém a mesma idéia: os burgueses são para dirigir e dominar a economia, enquanto o operário é só para trabalhar e não para pensar.

Existem alguns provérbios que escondem fundamentos éticos, como por exemplo: "a quem cedo madruga, Deus ajuda", que serve para justificar a grande jornada dura do trabalhador, especialmente o agrícola, que é dominado por intermediários, financiadores e outros que trabalham bem menos e ganham bem mais. Lembramos ainda que os europeus, especialmente portugueses e espanhóis, quando quiseram escravizar os índios e os negros, encaminharam um documento ao Papa solicitando que fosse declarado que a alma desses povos era inferior à dos brancos.

Diante destas reflexões, percebemos que a ética no exercício profissional está dependendo de variações culturais, interesses imediatistas, manutenção de poder. No fundo o que está em jogo de novo é: o que é o ser humano? Será que todos são fundamentalmente iguais ou temos que separá-los entre os intelectuais e os humildes, os patrões e os escravos, os superiores e os inferiores?

2.5 - O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA ÉTICA

Mesmo diante da mutabilidade da existência ética deve-se reconhecer um princípio fundamental, que é evidente por si mesmo para todas as pessoas, assim enunciado: "É necessário fazer o bem e evitar o mal". Como foi descrito anteriormente, pode ocorrer uma discrepância na compreensão concreta do que é bem, mas toda pessoa sabe que deve procurar o bem.

Mas o que é o bem? Bem é tudo aquilo que está de acordo com a natureza em geral e especialmente com a humana, perfazendo uma integridade ou harmonia no todo. Assim, pensar em progredir na profissão pode ser um bem enquanto favorece o encadeamento das próprias energias para melhorar de vida; namorar pode ser um bem enquanto favorece o equilíbrio afetivo da pessoa. "Na medida em que uma coisa está de acordo com a nossa natureza é necessariamente boa" (Spinoza, citado em Sá, 1996:27).

Além disto, o bem é baseado numa relação especial e constituída por esta entre duas ou mais realidades. Portanto, trabalhar pode ser um bem enquanto a pessoa se vê relacionada à produção de um valor e ao mesmo tempo melhora as relações com seus familiares, garantindo seu sustento; dar uma esmola pode ser um bem na medida em que mostra a relação de amor com o próximo.

E o mal, o que é? É uma negação, uma falta de um bem, uma desarmonia causada num todo pela ausência de algo. Assim, matar outra pessoa é um mal porque priva alguém da vida, que é um bem; ser desonesto no preço de uma mercadoria é um mal, porque tira algo de bom de outrem; sonegar impostos é um mal, porque desvia um bem da posse de quem é de direito.

Todas as questões éticas, no fundo, se relacionam com esta pergunta: o que favorece ou não favorece à natureza do ser humano? Assim, o bem e o mal, o certo e o errado, embora possam e devam ser determinados em si, concretamente exigem uma reflexão constante, especialmente, diante de novas situações; um simplismo muito rígido pode impedir de vislumbrar, realisticamente, o que de fato é bom para o ser humano.

2.6 - CRITÉRIOS AUXILIARES

A fim de facilitar a concretização do princípio fundamental, existem três critérios auxiliares.

Os primeiros princípios são aqueles mais genéricos, de fácil compreensão e aceitação por qualquer pessoa; são "vazios", isto é, sem se referir ainda a determinada situação; são universais, isto é, independentes de culturas ou ideologias específicas; são valores que antecedem leis feitas por autoridades, que regem as relações entre as pessoas; fazem parte do senso comum. Por exemplo: respeitar a vida humana, respeitar as coisas alheias, proferir a verdade, viver a honestidade e a sinceridade. Os segundos princípios são concretizações em situações mais específicas dos primeiros com mais dificuldades para aceitação unânime; normalmente dependem de culturas, ideologias, tradições, costumes e interesses; assim, nem sempre apresentam-se como uma dedução lógica e racional dos primeiros princípios, havendo divergências entre os grupos humanos. Assumindo os mesmos exemplos anteriores, é só acrescentar um novo elemento a cada item: respeitar a vida humana de um feto, respeitar as coisas alheias de um rico, proferir a verdade a um doente, viver a honestidade e a sinceridade na declaração de impostos. As conclusões remotas são aplicações dos segundos princípios em situações especialíssimas e bem definidas; a unanimidade é bem difícil ainda; aqui entram em jogo problemas ou realidades pessoais, especialmente de ordem emocional. Para esclarecer é só especificar um novo dado aos exemplos anteriores: respeitar a vida humana de um feto descerebrado, respeitar as coisas alheias de um rico que ganhou na loteria, proferir a verdade a um doente em fase terminal de vida, viver a honestidade e a sinceridade na declaração de impostos em épocas de crise financeira.

A partir destes três critérios auxiliares é que cada pessoa procura responder para si mesma o que deve fazer. Assim, um administrador que está para despedir um empregado para conter despesas, mas sabe que o mesmo é pai de cinco filhos menores e que precisa daquele trabalho para sobreviver: despede ou não? O mesmo pode ocorrer com um médico responsável por um doente em coma, cujos parentes pedem-lhe o desligamento dos aparelhos que ainda o mantêm vivo: desliga ou não?

2.7 - O OBJETO PRÓPRIO DA ÉTICA EM RELAÇÃO A OUTRAS CIÊNCIAS

Diversas ciências tratam do agir humano, assim como a Ética; cada uma, porém, tem seu enfoque próprio ou seu objeto formal específico; por isso, uma mera formação científica não significa necessariamente uma formação ética. A título de exemplo, vamos citar o objeto de algumas ciências para depois ressaltar o objeto da Ética comparativamente a elas. A Antropologia estuda o agir das pessoas como pertencentes a determinadas raças ou culturas; assim, o comportamento de cada pessoa é determinado não pelo fato de ser integrante da humanidade, mas sim de uma parte específica da mesma.

A Sociologia estuda o comportamento das pessoas como membros de um grupo; por exemplo, esportivo, político, religioso, econômico, etc; preocupa-se em refletir sobre os elementos existentes no grupo: objetivos, coordenação, interesses comuns, etc.

A Economia estuda o comportamento dos indivíduos enquanto produzem e consomem bens e serviços; sua preocupação é com a atividade do homem com relação aos recursos da natureza.

A Teologia estuda o agir do homem a partir de suas relações com a Divindade; é uma determinada manifestação do transcendente que inspira o comportamento humano. A História procura compreender o comportamento humano dos fatos do passado em suas causas e conseqüências; ela não somente relata os acontecimentos com datas e personagens, mas se aprofunda em entendê-los para perceber o fio condutor dos mesmos através dos tempos.

A Psicologia dá ênfase ao estudo do indivíduo em si, procurando entender no seu agir o que ele faz, por que faz e como faz; não estabelece critérios entre certo e errado, mas quer ajudar cada pessoa a se entender melhor e ser o agente de sua vida.

O Direito é um conjunto de normas que disciplinam o comportamento humano ou a vida em sociedade; as leis feitas pelas autoridades e sua execução formam o interesse primordial do Direito.

Todas as demais ciências estão de certo modo relacionados à ética. Assim, este trabalho tem por objetivo colocar o leitor em contato com os fundamentos da ética, trazendo para o seu

conhecimento as várias faces deste tema que envolve muita reflexão e debate.

São, não só importantes, mas, até necessárias para o homem viver a ética; o objeto desta porém, não se confunde com nenhuma delas; é o compromisso com o dever, a verdade, a justiça, o valor, a virtude; seus fundamentos estão nos aspectos essenciais da natureza humana, que devem ser descobertos e analisados pela reflexão racional num processo dinâmico e constante. A Ética é uma parte da Filosofia, "estudo das últimas e profundas causas das coisas"; ela transcende as ciências e procura auxiliá-las em questões que estas não conseguem atingir.

2.8 - A ÉTICA PROFISSIONAL

A ética profissional é a aplicação da ética geral no campo das atividades profissionais. A pessoa tem que estar imbuída de certos princípios ou valores próprios do ser humano para vivê-los nas suas atividades de trabalho. De um lado, ela exige a deontologia, isto é, o estudo dos deveres específicos que orientam o agir humano no seu campo profissional; de outro lado, exige a diciologia, isto é, o estudo dos direitos que a pessoa tem ao exercer suas atividades.

Portanto, a ética profissional é intrínseca à natureza humana e se explicita pelo fato de a pessoa fazer parte de um grupo de pessoas que desenvolvem determinado agir na produção de bens ou serviços.

Neste sentido, vale a pena refletir sobre as afirmações seguintes: "Cada conjunto de profissionais deve seguir uma ordem de conduta que permita a evolução harmônica do trabalho de todos, a partir da conduta de cada um, através de uma tutela no trabalho que conduza a regulação do individualismo sobre o coletivo" (Sá, 1996:92); "A ética é condição essencial para o exercício de qualquer profissão" (Franco, 1991:66).

2.8.1 - Condições para ser uma Profissão

Para que uma atividade seja uma profissão e, conseqüentemente, para que haja uma ética profissional, são necessárias algumas condições, com manifestação cada vez mais claras e sistematizadas.

Em primeiro lugar, a atividade deve envolver operações intelectuais acompanhadas de grande responsabilidade individual; e não é só uma tarefa imediata, mas exige um pensar sobre o que se faz para operar com eficiência, eficácia e efetividade; não basta contar com algo que está fora da pessoa, mas tem que vir uma decisão de dentro da própria pessoa. É assim que devem agir todos os profissionais.

Em seguida, essa atividade deve comportar uma aprendizagem especial na área de seu conhecimento; essa aprendizagem tem que ter por base um conjunto sistemático e orgânico, que constantemente vai crescendo, se aperfeiçoando, e até se modificando; daí a importância e a necessidade de seminários, experiências, etc.

Toda profissão supõe uma formação que não seja acadêmica ou teórica apenas, embora esta seja fundamental; deve porém, ser marcadamente prática em seus objetivos. Discute-se a necessidade de certificados ou diplomas para exercer uma determinada atividade; talvez dentro de uma organização social isto seja necessário, mas do ponto de vista ético, o necessário é o conhecimento da pessoa.

Ainda: toda profissão deve consistir numa técnica capaz de ser transmitida através de disciplina especializada.

Disciplina é um conjunto de processos, que incluem conteúdos e métodos, usando elementos principalmente da pedagogia e da didática para ensinar; isto não significa que todo profissional seja um professor na sua área, mas que a profissão em si possua meios para ser comunicada.

Finalmente, toda profissão deve dispor de organizações adequadas com atividades, obrigações e responsabilidades com consciência de grupo; assim, as associações profissionais, os sindicatos, os conselhos profissionais, são importantes para a ética; desta maneira a pessoa encontra uma razão mais forte para viver de acordo com o princípio de solidariedade, e também a conduta de cada um se reflete na formação da imagem da profissão.

2.8.2 - Os Códigos de Ética Profissional

A partir das reflexões anteriores, percebe-se o sentido dos códigos de ética profissional. Em primeiro lugar, eles estruturam e sistematizam as exigências éticas no tríplice plano de orientação, disciplina e fiscalização.

Em segundo lugar, eles estabelecem parâmetros variáveis e relativos que demarcam o piso e o teto dentro dos quais a conduta pode ou deve ser considerada regular sob o ângulo ético.

Dado que qualquer profissão visa interesses de outras pessoas ou clientes, os códigos visam também os interesses desses, amparando seu relacionamento com o profissional.

Código é um conjunto de disposições, de regulamentos legais aplicáveis em diversos tipos de atividade. Código de ética de qualquer profissional, portanto, é o conjunto de disposições que regem a profissão. Essas disposições são estabelecidas pelo Conselho Federal da respectiva profissão. Essas disposições possuem efeito legal.

Os códigos, porém, não esgotam o conteúdo e as exigências de uma conduta ética de vida e nem sempre expressam a forma mais adequada de agir numa circunstância particular.

Os códigos sempre são definidos, revistos e promulgados a partir da realidade social de cada época e de cada país; suas linhas-mestras, porém, são deduzidas de princípios perenes e universais.

Os códigos referem-se a atos praticados no exercício da profissão, a não ser que outros atos também tenham um reflexo nesta; por exemplo, se um administrador vem bêbado para a empresa.

Finalmente, os códigos de ética por si não tornam melhores os profissionais, mas representam uma luz e uma pista para seu comportamento; mais do que ater-se àquilo que é prescrito literalmente, é necessário compreender e viver a razão básica das determinações.

Desta maneira resume Maximiano (1997:294): "Códigos de ética fazem parte do sistema de valores que orientam o comportamento das pessoas, grupos e das organizações e seus administradores".

Porém, as pessoas têm que dar uma alma aos códigos para vivê-los, como afirma Sá (1996:136): "Quando a consciência profissional se estrutura em um trígono, formado pelos amores à profissão, à classe e à sociedade, nada existe a temer quanto ao sucesso da conduta humana; o dever passa então a ser uma simples decorrência das convicções plantadas nas áreas recônditas do ser, ali depositadas pelas formações educacionais básicas".

EXERCÍCIOS

a) Escolha a melhor definição do que vem a ser ética profissional, e registre-a abaixo:

_____

_____

_____

_____

b) Há opiniões importantes sobre a ética: o que disse Franco sobre a ética, em sua obra de 1991?

_____

_____

_____

_____

c) Analise a questão e escreva abaixo porque os Conselhos de Fiscalização Profissional são

importantes para a ética:

_____

_____

_____

_____

d) Como futuro profissional, defina o que é "código de ética profissional na área em que você atuará".

_____

_____

_____

_____

2.9 - A ÉTICA E A VIRTUDE

As virtudes éticas são disposições estáveis para agir bem; a aquisição delas exige uma prática constante através de exercício; as virtudes são essencialmente pessoais; não provêm de herança e nem resultam de circunstâncias, do ensino ou do meio; elas podem partir de predisposições, mas sempre são o prêmio do esforço da vontade à luz da razão.

As virtudes determinam e fixam as inclinações e os atrativos, assegurando a constância da conduta; facilitam a ação, suprimindo uma multidão de hesitações e de atos intermediários inúteis, produzindo presteza em fazer o bem e em fugir do mal; transformam-se quase em uma segunda natureza e fazem agradáveis todos os atos dos quais são o princípio.

Neste sentido é bom lembrar o que afirma Sá (1996:65): "Na conduta ética, a virtude é condição basilar, ou seja, não se pode conceber o ético sem o virtuoso como princípio, nem deixar de apreciar tal capacidade em relação a terceiros".

2.9.1 - As Virtudes Básicas

- A ***prudência*** é a reta noção daquilo que se deve fazer ou evitar, exigindo o conhecimento dos princípios gerais da moralidade e das contingências particulares da ação; assim, existe "tempo para plantar e tempo para arrancar; tempo para demolir e tempo para construir; tempo para chorar e tempo para rir; ... (Eclesiastes 3,2-8).

- A ***justiça*** é a vontade firme e constante de respeitar todos os direitos e todos os deveres; é a disposição de dar a cada um o que é seu de acordo com a natureza, a igualdade ou a necessidade; ela é a base da vida em sociedade e da participação na existência comum; a justiça implica a combinação de diversas atividades, que à primeira vista, podem parecer divergentes, mas que atingem sua harmonização na percepção existencial do "homem justo", como a imparcialidade, a piedade, a veracidade, a fidelidade, a gratidão, a liberdade e a eqüidade.

- A ***fortaleza*** é uma firmeza interior contra tudo que molesta a pessoa no mundo, fazendo-a vencer as dificuldades e os perigos que excedem a medida comum e sofrer as penas mais pesadas. Ela resulta na magnanimidade que concita aos grandes empreendimentos em razão de sua excelência e a despeito de seus obstáculos; da magnificência que se compraz em realizar as grandes obras concebidas; da perseverança que vai sempre adiante e da paciência que nunca recua, sem obstinação e sem pusilanimidade.

- A ***temperança*** é a regra, a medida e a condição de toda virtude; é o meio justo entre o

excesso e a falta; uma obra boa é a que não falta nada e a que nem se deve acrescentar nada; assim, o homem cumpre bem sua função. Ela exige sensatez baseada num pensamento flexível e firme; ela não provém só de princípios abstratos, mas de uma consciência viva, atraída pela harmonia ideal e a complexidade do real. Assim, os atos que manifestam temperança são a continência, a sobriedade, a humildade, a mansidão e a modéstia.

2.9.2 - Os Vícios

Os vícios não são, propriamente, a negação das virtudes, mas atitudes contrárias ao bem ou disposições estáveis para agir mal; em termos éticos, os vícios são adquiridos pelas pessoas. Os vícios também fixam as tendências fortalecendo a continuidade do comportamento, facilitando a ação para seus objetos; eles eliminam tergiversações, criando quase uma Segunda natureza na pessoa. Podemos citar como vícios principais:

- O ***orgulho*** é a procura desordenada de excelência; toda pessoa tem o direito de ser e parecer aquilo que ela é; o orgulhoso porém, se valoriza demais e normalmente diminui e achincalha os outros.

- A ***avareza*** é a procura desordenada de bens materiais; é uma necessidade vital usar das coisas deste mundo, mas o avarento acumula riquezas fazendo uso de meios nem sempre lícitos e, principalmente, centralizando todo o seu ser neste esforço.

- A ***gula*** é a procura desordenada dos prazeres de comer e beber; este ato, que é tão importante para a vida, torna-se uma preocupação exagerada, estragando a própria saúde e prejudicando muitas vezes as atividades profissionais e familiares da pessoa.

- A ***luxúria*** é a procura desordenada dos prazeres sexuais; a pessoa, em vez de realizar a sexualidade como um elemento importante de todo o seu ser, vive com fixação e obsessão procurando satisfações que até implicam em desrespeito a si mesmo e aos outros.

- A ***inveja*** é a tristeza pelo bem alheio como um obstáculo ao próprio bem: o invejoso sofre quando o outro tem sucesso, como se isto impedisse de ele também crescer e aparecer; em vez de admirar e ficar feliz com as conquistas do próximo, ele sofre e até gostaria que ninguém fosse superior a si.

- A ***preguiça*** é o recuo diante do trabalho e do esforço; o preguiçoso sabe quais são seus compromissos, mas sempre adia sua realização, faltando-lhe aquela energia para assumir atividades dentro de métodos adequados que lhe assegurem a construção de valores.

- A ***ira*** é a violência contra aquilo que resiste à sua vontade, procurando vingança; a pessoa irada não raciocina, mas age intempestivamente não medindo as conseqüências de seus atos.

Concluindo, podemos dizer que as virtudes, bem como os vícios, demonstram que a ética é uma construção da pessoa a partir do que ela pretende com seu ser, com sua vida, não só isoladamente, mas junto com os outros nestas realidades materiais. A palavra virtude origina-se da palavra latina "vis", que significa força, energia, dinamismo; então o ser humano não pode esperar que as coisas aconteçam, mas deverá esforçar-se para imprimir um ritmo à sua vida.

2.10 - FUNDAMENTOS DA ÉTICA

Foi visto, até aqui:

¾ que a ética diz respeito a tudo o que tem relação com a vida humana,
¾ a ética é "a ciência do que o homem deve ser em função daquilo que ele é",
¾ que ética e moral são sinônimos,
¾ que a vivência ética sofre uma mutabilidade,
¾ que o princípio fundamental da ética é "fazer o bem e evitar o mal", concreta- mente

esclarecido por critérios auxiliares,

- ¾ que a ética está relacionada com outras ciências,
- ¾ que existe uma ética profissional e
- ¾ que a virtude é uma construção da ética na pessoa.

Mas onde e em que tudo isto se fundamenta?

Existe um fundamento objetivo, que é a própria natureza do ser humano. Essa natureza possui vários aspectos: corpóreo, inteligente, volitivo etc. Esses aspectos devem ser considerados na condição que possuem de harmonizarem-se e de interagirem-se entre si e não como realidades estanques. É o todo da pessoa que age numa unidade, por isso, a consideração em separado, que será feita em seguida, é mais por uma questão didática de aprofundamento do que de divisão do ser humano. Não se afirma a hierarquia ou a superioridade de um aspecto
sobre o outro para evitar possível destaque de um em detrimento do outro.

3. FUNDAMENTOS OBJETIVOS DA ÉTICA: ASPECTOS DO SER HUMANO

Neste capítulo, vamos procurar entender o que é o homem, examinando as conseqüências práticas e concretas a que cada aspecto da sua natureza pode levar, pois, o estudo da ética é para entender o ser enquanto produz determinado agir. O termo homem é utilizado no seu sentido mais amplo: um ser dotado de uma multiplicidade de aspectos e capacidades que, quer sejam naturais ou adquiridas, podem ser desenvolvidas, aumentando suas potencialidades.

3.1 - O HOMEM É UM SER CORPÓREO

É uma vida material com uma série de órgãos, cada um com sua razão de ser específica e com função respectiva, mas intimamente relacionados uns com os outros. É a realidade biofisiológica humana.

O homem é capaz de um desenvolvimento extraordinário com seu corpo; a própria existência do homem se torna concreta através de um corpo do qual se tem a impressão de dominar o mundo; a corporeidade ou a somaticidade é um componente essencial do ser humano.

Compete à ética preocupar-se com o desenvolvimento e o bem-estar de cada órgão, não só em si mesmo, mas em função de todo humano. Enfim, o cuidado com a saúde própria e alheia é um dever de cada pessoa, reclamado e exigido pela sua natureza.

Existem questões clássicas a respeito disto, que hoje em dia são englobadas sob o nome de bioética.

Bioética é o estudo dos problemas e implicações morais despertadas pelas pesquisas científicas, em biologia e medicina. Ela abrange questões como a utilização de seres vivos em experimentos e a legitimação moral do aborto, da eutanásia, dos transplantes, da clonagem, da utilização da célula tronco etc.

A valorização do corpo humano próprio e alheio é imprescindível para uma construção ética.

3.2 - O HOMEM É UM SER INTELIGENTE

A inteligência é a faculdade ou a capacidade da pessoa de penetrar nas coisas, descobrindo sua realidade mais íntima, relacionando os diferentes aspectos entre si e com a própria pessoa. Pela inteligência, o homem é capaz de entender o universo e a si mesmo. É com a inteligência que ele sintetiza tudo o que capta através dos sentidos e de outras faculdades, fazendo suas análises e críticas. Toda pessoa tem o dever ético de usar a sua inteligência em todas as situações da vida. É ela, em última análise, que apreende os valores inerentes dos seres e faz a pessoa transformá-los ou assimilá-los como próprios.

A memória e a imaginação, como faculdades que arquivam e reproduzem as idéias, estão intimamente ligadas à inteligência. O ser humano não é um simples depósito de imagens, mas um inventor constante das mesmas, um ser criador de novos mundos dentro do seu interior.

3.3 - O HOMEM É UM SER VOLITIVO

A vontade é a faculdade pela qual a pessoa toma decisões em sua vida. É o querer pessoal; é o indivíduo colocar todo o seu ser em função de seus objetivos, ideais e metas; é a pessoa evitar coações, imposições ou amordaçamentos tanto interiores como exteriores.

Pela vontade a pessoa constrói sua existência a partir de convicções. Sendo dona de si mesma; ela se percebe sujeito de seus atos, responsável última pelos seus êxitos ou fracassos.

A vontade pode sofrer de abulias, ou seja, a pessoa pode ser incapaz de tomar decisões voluntárias. Essa incapacidade pode ser relativa e temporária para iniciar o que quer que seja. Essa condição caracteriza algumas pessoas.

Assim:

¾ os impulsivos são aqueles que sofrem passivamente seus impulsos, sendo forçados agir;

¾ os veleidosos (de pouca vontade) são os que ficam na constatação do que devem fazer, sem se decidirem a querer fazê-lo;

¾ os fracos são os que decidem, mas abandonam a execução, e assim por diante.

O uso da vontade, procurando vencer as diferentes abulias, é um dever ético. O ser humano não pode viver na passividade, mesmo quando obedece.

3.4 - O HOMEM É UM SER EMOTIVO

As emoções, num sentido restrito, são expressões afetivas acompanhadas de reações intensas e breves do organismo em resposta a um acontecimento inesperado. Em sentido mais amplo as emoções se referem ao conjunto da realidade humana que se distingue do lógico; elas dão colorido à vida humana. Das emoções fazem parte as paixões, o prazer, a dor, o medo, as frustrações, a raiva. Destaca-se, com realce, o amor como estado emocional pelo qual se quer o bem do outro e a união com ele. O amor requer reciprocida- de, dar e receber.

Para a ética é necessário não só reconhecer a existência das emoções, mas que a pessoa as integre, as desenvolva, as equilibre. É uma questão ética a pessoa procurar superar padrões inábeis emocionalmente, sabendo lidar e manejar as próprias emoções e sabendo viver com as emoções alheias.

3.5 - O HOMEM É UM SER ESPIRITUAL

A vida humana é a experiência da transcendência permanente. É a consciência do absoluto que faz emergir a provisoriedade estrutural da vida humana. Uma reflexão sobre esta de autodeterminação do homem, desperta a atenção pela sua insaciabilidade: o homem nunca está contente com o que realizou ou conquistou.

Tem dentro de si um chamado para o Absoluto, o Infinito, o Transcendente. A pessoa não se contenta com o relativo, o finito, o imanente. Quer ir sempre além, inclusive de si mesmo. Toda pessoa procura uma realidade ou um ser que satisfaça esta tendência, e a forma mais comum é apresentada pelas religiões no encontro com um ser supremo, comumente chamado de Deus.

É fundamental para a ética refletir sobre a necessidade da realização da dimensão espiritual ou religiosa do ser humano. Muitas situações devem ser questionadas para saber até que ponto o homem está sendo valorizado, como acontece em certos ritos, superstições e crendices, que freqüentemente não passam de exploração da ingenuidade alheia.

3.6 - O HOMEM É UM SER SOCIAL

A pessoa é chamada a conviver em grupo. Nenhum ser humano pode ser uma ilha isolada no mundo, mas forma junto com os outros um grande arquipélago, vivendo mais ou menos próximo e distante dos outros, facilitando ou dificultando as correntezas da água entre si. Essa relação é um processo de interação contínua e constante das pessoas que vai moldando a existência de cada um. Embora cada pessoa seja uma em sua individualidade,

algo irrepetível e, até certo ponto, insondável, ela precisa conviver com outras para se desenvolver como "ser humano". Isto não só por necessidade física, especialmente nos primeiros anos de vida, mas por uma questão afetiva de intersubjetividade: toda pessoa sente necessidade de penetrar na intimidade psíquica de uma outra pessoa e deixar-se penetrar por ela.

Sociedade não é uma mera justaposição de corpos ou uma entidade acima das pessoas. Ela é formada por essas, na medida em que se inter-relacionam, formando uma teia de laços interiores, dinamizando-se mutuamente e respeitando cada individualidade.

Sem dúvida, viver em sociedade é inerente à condição humana, atributo que visa assegurar a sobrevivência, e, portanto, a continuidade da própria espécie.

Essa condição humana exige uma organização exterior, especialmente nos campos político, econômico e educacional. Essas organizações, porém, não são um fim em si mesmas, mas instrumentos para que as pessoas se realizem melhor como seres humanos; portanto, tais organizações não devem ser reduzidas a objetos de manobras para outros interesses.

As pessoas têm o direito e o dever de se associarem (associações de bairros, associações profissionais, sindicatos, clubes esportivos etc). As transformações surgem à medida em que se formam grupos e movimentos de pessoas conscientes.

3.7. O HOMEM É UM SER CÓSMICO

O universo depende dele e ele depende do universo. A ação do homem sobre a natureza está inserida numa perspectiva do que ele pretende de si mesmo como indivíduo e como humanidade.

Entre os seres do planeta existe uma relação estrutural, de tal modo que é impossível a existência de uns sem os demais.

Para o homem explicitar bem a sua dimensão cósmica entra o valor da ciência, como uma exigência ética. É seu dever procurar conhecer a realidade de uma forma metódica e sistemática através de experimentações com- probatórias. É um dever analisar ou decompor o todo de um fato em suas partes para captar suas relações e recompô-lo em forma de sínteses, e tudo isto de forma dinâmica, como o é a própria realidade. A partir daí, é função do homem a criação da tecnologia, que é o conhecimento científico objetivado, concretizado e depositado.
É a criação de novas realidades a partir do cosmos já existente.

O homem, usando a tecnologia, toma consciência do poder que tem sobre o mundo como senhor do universo. Isto tem uma dimensão ética, pois pode se dizer que o mundo(pelo menos o planeta Terra) espelha o que o homem é, favorecendo-o ou destruindo-o.

Parece claro que o homem pode tomar três atitudes diferentes perante a natureza: considerá-la sagrada ou intocável, numa atitude de contemplação e respeito absoluto; considerar-se absoluto perante ela, impondo-se com ganância no gozo de seus bens; relacionar-se com ela de forma racional, transformando-a com equilíbrio, num desenvolvimento sustentado, para o seu próprio bem, seja imediatamente, seja numa dimensão histórica futura.

3.8 - O HOMEM É UM SER HISTÓRICO

O homem é chamado a criar fatos e não a sofrê-los; não deve ser arrastado pelos acontecimentos. Compete a ele programar a existência, saindo da contemplação fatalista para uma ação de sujeito de si mesmo e de tudo que lhe diz respeito. Mesmo que nem tudo, ainda, lhe seja compreensível e dominável, está nele o poder de investigar, de não se abater e de sempre colocar um pequeno avanço para que a humanidade vá, aos poucos, descortinando novos horizontes da vida e do mundo. O homem sofre influências do mundo em que vive: do clima, da flora, da fauna, de outros homens, dos astros, mas ele precisa ter consciência de que deve ser o sujeito de seus êxitos ou fracassos; não deve jogar as responsabilidade para fora de si, como se fosse conduzido por forças exteriores. O ser humano é o que ele decide ser pelo conjunto de suas ações.

Quando a pessoa, individualmente e grupalmente, está convencida da sua historicidade, vive mais feliz e confiante, afugentando medos irracionais e assumindo decisões com mais força e coragem. Ao mesmo tempo, ela percebe que está num processo de "vir-a-ser" contínuo, num dinamismo em que nada está pronto, acabado, mas tudo está se fazendo, se realizando. É um dever ético o homem deslanchar suas energias para que não seja atropelado pelos fatos.

3.9 - O HOMEM É UM SER LIVRE

A liberdade, em geral, significa poder fazer ou não fazer alguma coisa, podendo ser física, civil, política, religiosa, etc.. A liberdade, como livre-arbítrio, é o poder que a vontade possui de determinar a si mesma e, por si mesma, a agir ou não agir, sem ser a isto coagida por nenhuma força nem interior, nem exterior.

Assim, toda escolha é uma limitação que a própria pessoa se impõe; porém, é dentro de limitações que ela se realiza, construindo aquilo a que se decidiu; por isso não convém muito mudar as opções, especialmente as mais fundamentais, a fim de que haja tempo de construí-las; mas nada impede, excepcionalmente, que haja mudanças.

À liberdade corresponde a responsabilidade. O ato livre é um ato pelo qual, necessariamente, se deve responder, assumindo as conseqüências das ações e omissões. A liberdade oferece a possibilidade de corrigir o mau uso que se faz dela. "O futuro do homem é o próprio homem" (Ponge).

A liberdade requer cuidados e vigilância. A luta pela liberdade é a luta pelas potencialidades da vida e vice-versa; requer superação constante da ignorância, exame dos impulsos inconscientes, análise dos objetivos e interesses predominantes na sociedade, questionando os poderes que monopolizam o rumo da vida em todos os setores.

A liberdade não é egoísmo ou individualismo, pois ela tem uma dimensão social, sendo impossível sua existência fora da comunidade dos homens. Ela exige que as relações entre as pessoas não sejam apenas de proximidade ou contigüidade, mas de intersubjetividade e engendramento (criação, produção, composição).

A liberdade tem por base a cooperação, a reciprocidade, o desenvolvimento da responsabilidade e do compromisso, superando assim, o liberalismo, que é essencialmente individualista.

Em termos econômicos, a liberdade exige partilha ou esforço comum em que todos são recompensados, superando o conceito fechado de que, para alguém ganhar, alguém tem que perder, pois liberdade não significa exploração de nenhum tipo.

Para tanto, é necessário que o homem tome consciência das diferentes alienações a que é submetido para enfrentá-las. Assim, pode haver alienação no consumo, quando as necessidades são artificialmente estimuladas, criando-se datas para gastar, ou no lazer, com uma indústria própria determinando os programas.

3.10 - O HOMEM É UM SER ESTÉTICO

O homem vive à procura de harmonia, coerência, de beleza e perfeição das formas; para isto ele possui e desenvolve uma intuição pessoal que visa a entender o que cada realidade é em si mesma e no conjunto com as demais; é uma faculdade de se sentir totalizante.

Sua base é a imaginação em constante criatividade, que vai além do imediato, inventando novas possibilidades não só numa linha convergente, mas também divergente diante de um leque infinito de respostas a um problema; é por isso que diferentes pinturas podem representar um mesmo panorama.

A dimensão estética do homem o faz sair do terreno seguro da repetição do já conhecido, fazendo-o ver o todo sem preconceitos e sem temor de errar, assumindo riscos. Assim, quanto mais remexer as crenças estabelecidas, mais fecunda será esta dimensão.

3.11 - O HOMEM É UM SER AXIOLÓGICO

Etimologicamente, axiologia significa estudo dos valores. Valor é tudo aquilo que tem sentido, significado, apreço estima. Para Maximiano "valores são julgamentos a respeito do que é desejável e indesejável e oferecem justificativas para as decisões".

Cada ser existente já é um valor em si mesmo, determinando um ponto de partida para ser seu agir ou para seu desenvolver-se; mas como nenhum ser é isolado, o seu agir está situado com o agir de outros seres, numa espécie de inter-relacionamentos ou círculos concêntricos; nenhuma realidade se explica totalmente por si mesma.

O homem deve questionar qual é o seu valor ou qual é o sentido do seu ser, quais são os outros seres, cujos pólos dão uma resposta à atração que o homem exerce sobre eles, e vice- versa; e enfim, que atração sobre o homem exercem as outras realidades?

3.12 - O HOMEM É UM SER POLÍTICO

Em sentido amplo, "política" significa a procura do bem comum da cidade (da palavra grega polis). Sob esse aspecto, qualquer pessoa pode e deve se interessar pela política, na medida em que ela procura viver não só para si, mas tendo em vista com suas ações o benefício de todas as pessoas; isto pode ocorrer no lar, na empresa, na escola, etc.

A política implica uma teia de relações dos indivíduos entre si, dos indivíduos com os grupos e dos grupos entre si, em escalas local, regional, nacional e internacional, não só para não prejudicar os valores fundamentais da pessoa, mas principalmente para consegui-los. A política, assim entendida, abrange toda a vida da pessoa; é a superação do sentimento egoísta para atingir o horizonte do outro, do bairro, da cidade, do Estado, da Nação e, enfim, do mundo.

Em sentido estrito, política significa a procura e o exercício do poder, estabelecendo estratégias para comandar na sociedade; é o gosto pela chefia em qualquer setor da vida humana, por exemplo, sindicatos, associações, igrejas, etc., sendo que comumente ela se aplica aos governos das nações em qualquer nível.

O ideal é que a pessoa, chegando ao poder, veja-o como um instrumento para o bem comum e seja uma coordenador das aspirações existentes, para solucionar os problemas básicos do povo.

Mesmo a grande maioria da população, que não tem um chamado específico para a política em sentido estrito, deve sentir-se responsável por ela. Para tanto, é importante que as pessoas procurem:

¾ conhecer a real situação de seu País/DF ou Estado/Município para poder avaliar as propostas de eventuais candidatos;

¾ conhecer a vida dos postulantes a cargos públicos a fim de que as escolhas sejam por merecimento de capacidade e idoneidade;

¾ estejam vigilantes, fiscalizando como os governantes conduzem o bem comum.

Participar da política do poder é um dever ético de todos.

Da Política depende, praticamente, a solução de múltiplos problemas comuns como: transporte, moradia, emprego, alimentação, instrução, lazer etc. No fundo, interessar-se pelo comando da comunidade é interessar-se pelo próprio bem pessoal, não de uma forma individualista, mas de uma forma conjugada com o bem de cada um dos integrantes da "cidade". Para que isso se verifique, deve haver o respeito a todos os grupos, mesmo àqueles que não estão no poder.

A liberdade de expressão é uma característica fundamental para que as pessoas tenham condições de comparar as idéias divergentes e assim optar melhor.

Enfim, a política, como qualquer outro aspecto da vida humana, exige uma educação constante enquanto as pessoas tomam consciência de seus direitos e deveres, numa construção constante de participação das mesmas nas decisões pertinentes a todos.

Assim, é um dever ético estar engajado em questões políticas, na medida em que a pessoa se sentir capaz para tal; desta maneira deverão diminuir os totalitarismos, as ditaduras, os clientelismos, os currais eleitorais.

3.13 - O HOMEM É UM SER TEORIZANTE

Ele procura sistematizar e colocar em ordem as explicações das coisas, tanto as naturais como as criadas por ele; preocupa-se com o conhecimento lógico, o desenvolvimento de sua mente, interessa-se pela clareza das idéias, dos juízos e raciocínios na busca e pela posse da verdade.

Teoria não é mera especulação distante da realidade, mas uma ordenação interior, conceptual, que explica e interpreta os objetos como são conhecidos pelo sujeito.

É um dever ético para o homem teorizar a fim de ele não se tornar meramente passivo perante o mundo que o rodeia, sendo incapaz de captar a riqueza do universo e usufruir dela. Por outro lado, a pessoa deve evitar o puro academicismo em que a mente goza só com reflexões distantes do contexto, afastando o homem do dinamismo do mundo.

A abertura de espírito é importante para uma teorização adequada, pois todo

dogmatismo (adesão irrestrita) é contraproducente para o desenvolvimento do ser humano.

3.14 - O HOMEM É UM SER PRÁTICO

O ser prático é uma conseqüência do ser teorizante. À medida em que o homem organiza, mentalmente, a realidade percebe que pode intervir nela e transformá-la. Ser prático não é ser tarefeiro, fazendo sempre igual, mas colocando sempre algo novo naquilo que se faz.

Daí, o homem estar em constante fluxo e refluxo: da prática para a teoria e da teoria para a prática; nesta ida e volta, sua ação torna-se mais adequada e sua reflexão mais abrangente. É importante que como ser prático, o homem não caia num ativismo, pensando que o fazer muito é o mais importante.

É o desenvolvimento do seu ser que está em jogo e não a quantidade do que a pessoa produz. A ênfase na produção pode levá-la a não perceber horizontes diferentes para sua vida.

3.15 - CONCLUSÃO

Os aspectos que acabamos de analisar não esgotam o ser homem, mas são um ponto de partida importante e fundamental para que possamos equacionar uma série de situações que podem surgir na existência humana.

A partir destes aspectos, é possível detalhar uma série de outros, como a honestidade, a lealdade etc. Esse detalhamento, sem dúvida, é interessante e até necessário, mas sempre deve haver uma volta ao ponto de partida; o que está em jogo é a existência do homem como homem, é uma visão de unidade que deve prevalecer.

Também não existe nenhuma questão humana que se refira exclusivamente a uma dessas dimensões. Por exemplo, o aborto está relacionado aos aspectos corpóreo, emotivo, inteligente, social, e assim por diante. Por isso deve ser evitada uma posição simplista de ser a favor ou contra nos problemas éticos; quanto mais se alargar a abrangência dos dados, melhor será a sua compreensão para uma tomada de decisão.

4. FUNDAMENTO SUBJETIVO DA ÉTICA: A CONSCIÊNCIA

No presente capítulo serão examinados os dados relativos aos condicionamentos, meios de formação, conflitos e formas de adaptação da consciência humana, tendo em vista que a ética é praticada por pessoas concretas, cada uma com sua história de vida, seus medos, suas convicções. Embora a ética tenha uma base comum a todas as pessoas, é uma construção pessoal, dinâmica e contínua.

4.1 - CONCEITO

Na ética, consciência significa a capacidade de distinguir entre o bem e o mal para si mesmo; ela é a norma fundamental do comportamento de cada pessoa sob o ponto de vista ético. É a inteligência fazendo um juízo a respeito do acerto ou do erro para a própria pessoa, de um ato a ser praticado.

A formulação desse juízo pressupõe uma série de critérios que a pessoa vai adquirindo desde a infância através da família, da escola, religião, meios de comunicação, pela vida, enfim.

A consciência ética é a voz da própria pessoa para si mesma, que a obriga a procurar a verdade objetiva, num processo de conquista realizado constantemente. Daí podermos afirmar que a consciência ética pode ser aumentada, diminuída ou modificada de acordo com os esclarecimentos que a pessoa vai adquirindo.

4.2 - EVOLUÇÃO DA CONSCIÊNCIA EM CADA PESSOA

Na criança, a consciência se caracteriza pelo imediatismo no tempo presente, sem abertura nem para o passado, nem para o futuro. Nessa fase, o ideal é o adulto contemporizar, aceitando a criança na sua própria realidade, com muita paciência, pois ela está apenas iniciando a caminhada de sua vida na construção de valores.

No jovem, a consciência é mais voltada para o futuro e de acordo com um idealismo, que

imagina um mundo diferente do atual. Ele está cheio de vida, de energias, de projetos. O ideal é manter um clima de diálogo constante, escutando bastante, apresentando razões a fim de levar o jovem a pensar em todos os dados possíveis, antes de tomar uma decisão.

A consciência do adulto é aquela capaz de integrar os três tempos: o passado, o presente e o futuro. Ele já tem uma bagagem de vida que lhe permite refletir, bem como traçar projetos, mas vive a realidade de um presente que lhe pode dar a dimensão adequada do que é possível fazer, pois enxerga mais longe as conseqüências de seus atos.

A consciência do idoso, muitas vezes, pára no passado, não aceitando novidades do presente e menos ainda pensando no futuro. Isto acontece por uma questão de segurança biológica e psicológica, pois a pessoa percebe, mesmo inconscientemente, que lhe resta pouco tempo de vida, e então tenta se garantir com os meios que sempre lhe foram favoráveis, sem se arriscar para o que lhe é desconhecido.

É importante observar que estas diferenças entre criança, jovem, adulto e velho não possuem uma idade cronológica exata e rígida. São mais uma questão de mentalidade psicológica e não ocorrem abruptamente, de um dia para outro. Daí a importância de cada um conhecer o momento que está vivendo para se situar, bem como os momentos dos outros para que se consiga uma interação de consciências.

4.3 - CONDICIONAMENTOS DA CONSCIÊNCIA

A consciência sofre condicionamentos de ordem:

- biológica (referente à vida no seu caráter orgânico-corpóreo);
- psicológica (o sentido de personalidade que individualiza a pessoa);
- sociológico e histórico (os fatos do passado marcam a vida presente e futura).

Esses condicionamentos não devem ser considerados de uma forma fatalista ou determinista. Cada pessoa deve tomar consciência deles em si mesma e procurar aperfeiçoá-los, vencê-los, eliminá-los, superá-los, conforme a característica dos mesmos. A pessoa precisa aprender a viver com seus condicionamentos, sendo dona deles, observando suas influências na liberdade para as opções da consciência entre o bem e o mal.

4.4 - MEIOS PARA A FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA

A consciência nunca está pronta, acabada. Ela passa por uma evolução com uma série de condicionamentos. A pessoa dispõe de alguns meios para melhorar seus critérios no discernimento entre o bem e o mal para si.

A procura e o zelo constante pela verdade é um caminho imprescindível para a formação da consciência. A ignorância a respeito das coisas ou mesmo o conhecimento vulgar pode atrapalhar muito a pessoa.

Ressalte-se, também, a importância da pessoa não ser simples expectador dos acontecimentos. O homem é construtor da história, assumindo criticamente tudo e criando novos fatos a partir do que os anteriores trouxeram.

Reconhecer os próprios limites também é meio de formação da consciência. Cada pessoa tem que saber aquilo que é em si mesma e aquilo de que é capaz, para, a partir da própria realidade, dinamizar seu poder de escolha entre o bem e o mal.

A superação de elementos negativos da personalidade, também é necessária para a progressiva formação da consciência. Assim, a pessoa deve lutar contra a precipitação, a negligência, a preguiça, a má-fé.

O bom senso, o equilíbrio e o autodomínio são uma regra de ouro para a formação da consciência ética na pessoa. Cada um tem que tomar conta de si mesmo, decidir sua própria vida, assumir a sua própria história.

4.5 - A CONSCIÊNCIA E A LEI

Toda lei deve ser uma ordenação da razão em vista do bem comum, promulgada por quem tem o cargo de chefia na comunidade. Aqui, entende-se lei no sentido mais genérico do termo, ou seja, como toda regra escrita que emana de uma autoridade de uma determinada sociedade ou grupo e que impõe a esses a obrigação de cumprimento. Ex. decretos, portarias,

normas, estatuto, código.

A fim de satisfazer o conteúdo ético, toda lei deve:

¾ primar pela justiça, isto é, deve prescrever o que está de acordo com a natureza, a dignidade do ser humano;
¾ ter possibilidade de ser cumprida,
¾ preencher uma utilidade ou necessidade real;
¾ ter uma certa estabilidade.

Toda lei cria um efeito imediato, que é obrigar as pessoas a agir de uma determinada forma (p.ex., pagar impostos); porém toda lei possui em efeito mais remoto ou mais profundo, que é dinamizar as virtudes da pessoa, como o respeito, a disciplina, a justiça, a prudência.

A sanção é a recompensa pela observância ou o castigo pela violação da lei, do dever. A sanção é uma resposta ao comportamento da pessoa. Ela é fruto da responsabilidade da pessoa.

Existem vários tipos de sanção:

1) da consciência, enquanto produz uma satisfação ou um desgosto resultante da observância ou da violação do dever;
2) da opinião pública, que costuma estimar ou valorizar as pessoas honestas e lançar ao desprezo os iníquos e corruptos, muito embora isto não ocorra de imediato;
3) civil, ou administrativa, estabelecida por autoridade de determinada instituição, tais como, prêmio dado pela empresa ao empregado ou castigos como advertências, suspensões, demissões;
4) penal - é a norma que estabelece a pena para o crime ou contravenção.

Discute-se muito a respeito do valor ou da razão de ser de uma sanção. É certo que o bem em si deve ser a razão última do ato, mas a sanção pode ser um auxiliar precioso, e até necessário, face às fraquezas do ser humano.

O verdadeiro sentido da sanção deve ser a frutificação, isto é, o prêmio ou castigo devem ser o resultado da própria ação feita pela pessoa.

Os prêmios e os castigos devem ser proporcionais aos atos da pessoa e não por vingança, remédio ou exemplo; ai reside toda dificuldade de uma legislação ou de uma ação justa.

A consciência é a resposta da pessoa para si mesma, enquanto que a lei é a resposta da sociedade para a pessoa; por causa disto podem ocorrer conflitos entre ambos.

4.6 - A CONSCIÊNCIA E O ATO ÉTICO

Os atos eticamente bons ou maus, ou, de acordo com a linguagem popular, morais ou imorais, surgem após a constatação da existência de vários elementos que serão analisados a seguir:

O Objeto - O objeto é a "coisa" que o ato realiza diretamente por si mesmo, enquanto é conhecida pela razão conforme ou não ao bem; Ex., "ajudar alguém" é bom, "matar uma pessoa" é mal.

As Circunstâncias - São todos os elementos acidentais do ato que podem acarretar atenuantes ou até modificar o sentido do objeto.

O Fim - É a intenção do sujeito ou o objeto do ato interior; este é a primeira causa ou o termo último da ação.

4.7 - OS DESAFIOS PARA CONSCIÊNCIA

Uma pessoa pode possuir determinadas características que bloqueiam a sua consciência ética. Essas características são um desafio para a consciência. São elas:

Preconceito - É a atribuição de certas características às pessoas de um determinado grupo,

sem analisar a validade ou a veracidade das mesmas, criando um comportamento rígido, cristalizado.

Para superar os preconceitos é necessário o correto conhecimento dos atributos do grupo social; p.ex., a interdependência do comportamento pela cooperação diante de obstáculos comuns, como pode acontecer no caso de competições esportivas, atividades profissionais, calamidades públicas. Em ocasiões como essas pode-se observar a igualdade dos atributos ou, até mesmo, a superioridade do outro para o qual é dirigido o preconceito.

Ideologia - Constitui um corpo sistemático de representações e normas que ensinam as pessoas a pensar e a agir com a função de assegurar determinadas relações e condições de existência, adaptando os indivíduos a tarefas prefixadas, garantindo a coesão dos mesmos e a aceitação de atividades sem críticas.

Exemplos: capitalismo, comunismo, fascismo, protestantismo etc.

A ideologia vive, fundamentalmente, de símbolos e é formada por estereótipos organizados de maneira coerente. Toda ideologia tem uma grande capacidade de mobilizar as pessoas e as massas, especialmente quando aparece com caráter redentor, mostrando-se progressista, avançada ou revolucionária, mais pela prática e pela ação do que por palavras. Foi assim que o socialismo foi proposto para acabar com as injustiças do capitalismo, o comunismo soviético para melhorar a vida do povo explorado pelo czarismo, etc.

Mas toda ideologia corre o perigo de ser totalitária, criando estratégias só para seus objetivos, fora do bem comum; assim ela mantém a dominação do grupo, subordinando a si a ciência, a cultura, a religião, a moral, o Estado, a nação, a educação, tudo enfim.

Para a tomada de consciência, é importante que a pessoa examine os fundamentos teóricos, as propostas concretas e os comportamentos propostos pela ideologia, a fim de que ela possa, de fato, decidir mais adequadamente.

Alienação - é o alheamento, a indiferença da pessoa. Ocorre quando a pessoa renuncia ao seu poder de decisão e age levado de roldão por outras forças.

Assim, existe a alienação:

¾ na produção - na dicotomia entre a concepção do produto e a sua confecção - nquanto uns pensam, outros fazem sem nenhum poder de participação na concepção,

¾ no consumo, onde as necessidades são artificialmente estimuladas; para isto basta analisar as propagandas, bem como a disposição de produtos em supermercados: o apelo ao novo torna tudo descartável e rapidamente obsoleto, criando uma obsessão nas pessoas para as compras, onde as emoções falam mais alto do que a realidade ou a necessidade.

Até no lazer pode ocorrer a alienação. A ação repetitiva pode tornar a pessoa incapaz de se divertir ou a faz procurar compensações violentas. Também a indústria do lazer manipula os gastos, determinando programas, como discotecas, bingos, filmes, competições etc.

Hoje em dia, a maior parte da população não tem acesso ao lazer ativo, como esportes, passeios, turismo, ligando-se, então, ao lazer passivo, como é o caso da televisão, que leva a comportamentos mecanizados.

De novo é necessário que a consciência repense se não está sendo conduzida por alguma forma de alienação, a fim de que a pessoa assuma a decisão e a condução de sua vida.

4.7.1 - Mecanismos de defesa

A tomada de consciência tem seus mecanismos de defesa para superar desafios. Assim, a pessoa pode reagir:

- ***agressivamente*** - contra a causa de sua frustração, o que revela uma precipitação no julgamento das causas que provocaram o fato, demonstrando que o indivíduo não está no seu estado normal de reflexão e raciocínio;

- ***fantasiando*** - atitude que consiste em fugir para o mundo da imaginação criadora, a fim de satisfazer o que a realidade nega para a pessoa. De um lado, a fantasia mostra metas, ideais ou objetivos que a pessoa tem, de outro lado, expõe a dificuldade em enfrentar a dureza de uma realidade que nem sempre permite a concretização dos desejos pessoais. A imaginação deve ser regulada pela inteligência e pela vontade, a fim de que a pessoa enfrente

melhor seus conflitos e frustrações;

- fazendo ***projeção*** - quando se atribui a outras pessoas os próprios defeitos e deficiências. Revela falta de autoconhecimento, ou, se este existe, revela um despistamento da pessoa em reconhecer as próprias falhas. Pode estar acompanhada de preguiça, indolência ou negligência em vencer suas deficiências. É uma atitude que pretende estabelecer um nivelamento por baixo, ao considerar todos incompetentes para uma determinada atividade. Este comportamento impede um maior entrosamento entre as pessoas, principalmente quando se trata de ações que devem ser executadas em equipe;

- ***buscando compensação*** - consiste em contrabalançar uma deficiência, procurando a realização num campo diferente. É um mecanismo que põe em realce o desejo da pessoa de estar bem consigo mesma e com a sociedade, e, como não consegue isto através de uma atividade, procura outra, muito embora sempre reste uma sensação de incapacidade;

- com ***racionalização*** - consiste em inventar justificativas para si mesmo e para os outros, a fim de desculpar-se de atitudes erradas. É uma mentira consciente que a pessoa faz a si mesma e aos outros;

- com ***repressão*** - é um ato de renúncia de um desejo que se mostra em desacordo com os princípios da própria pessoa. A pessoa se reprime, ou seja se contém, se refreia;

- com ***sublimação*** - consiste em desviar alguma energia instintiva para um fim social nobre. A sublimação revela um certo perfeccionismo em pessoas que não toleram imperfeições nem em si nem nos outros; são indivíduos insatisfeitos e que estão à procura do absoluto, e mesmo quando fazem bem aos outros, estão pensando mais na autosatisfação que no benefício alheio. Através da sublimação, a pessoa pode chegar a uma fase onde cai no nihilismo, ou seja, de tanto procurar o "tudo", cai no "nada absoluto", num ceticismo tal que não acredita em mais nada, ou se agarra a um dogmatismo fanático, alienando-se das situações da realidade. As atividades religiosa, artística e intelectual podem ser exemplos típicos de sublimação, quando a pessoa coloca a sua energia a serviço de fins considerados mais elevados.

4.8 - A CRISE DA CONSCIÊNCIA ÉTICA

Este problema aparece no mundo de hoje porque as pessoas enfrentam várias situações em que parece difícil ou até impossível separar o certo do errado.

A crise de consciência, geralmente, ocorre porque:

- o avanço da ciência, um valor tido por si mesmo e absoluto, parece ignorar outros valores, por exemplo, questões relativas à bioética;

- o desejo desenfreado do ter pode levar ao afogamento do ser, enquanto as pessoas se perdem no meio de tantas coisas, escurecendo assim o horizonte dos valores da vida;

- a preocupação exagerada com a aprendizagem do poder-fazer pode criar um abismo em relação à autêntica formação do homem como um todo, reduzindo-o a uma simples máquina produtiva. A formação prático-material da vida menospreza a cultura ética.

- a democratização abstrata da sociedade cria o pressuposto de que o que vale é o que pensa a maioria; é o "você decide" com a eleição de opiniões, sendo a verdade o resultado da soma do "sim" contra o "não". Freqüentemente, estas opiniões já são formadas a priori pelos próprios meios de comunicação, que exploram idéias carregadas de emotividade e onde há pouco campo para o raciocínio lógico. Daí ocorre uma confusão entre os valores, até com indiferença pelos mesmos e com abuso da consciência dos indivíduos pelos poderosos, e isso tanto na política, na economia como na religião.

- o ativismo desenfreado também pode provocar dificuldades para a consciência. As pessoas estão muito ocupadas em trabalhar e não sobra tempo para pensar; assim, com o trabalho absorvendo demais o indivíduo, raramente ele questiona o sentido de sua vida, os

valores que cultiva, as formas de relacionamento com o próximo e mesmo a validade de sua profissão para sua realização pessoal.

A transição histórica que está vivendo a humanidade é também fator determinante de crise. A partir da Segunda Guerra Mundial, as formas padronizadas de família, de escola, de postura social foram colocadas em dúvida e outras ainda não foram elaboradas; as gerações antigas perderam o rumo que tinham e as novas ainda não o acharam. Tudo isto gera incertezas e inseguranças.

Finalmente, vive-se uma grande crise espiritual quando as religiões tradicionais parecem não responder mais às necessidades das pessoas; aí questiona-se até o próprio Deus ou, pelo menos, a idéia sobre ele; como conseqüência, haverá a falta de um valor unificador, abalando com isso a consciência: "Se Deus não existe, tudo é permitido." (Dostoiewsky)

EXERCICIOS

a) Tratando agora de alguns aspectos subjetivos da ética, qual a definição de "consciência" para a ética?

_____

_____

_____

_____

b) Pesquise no texto e relacione quais os condicionamentos sofridos pela ética:

_____

_____

_____

_____

c) Para fixar seus conhecimentos sobre o tema, relacione as três "regras de ouro" para formação da consciência:

_____

_____

_____

_____

d) O profissional corretor de imóveis está sujeito a punições. Para ampliar sua visão a respeito, escreva abaixo a definição do que vem a ser "sanção":

_____

_____

_____

_____

e) Muito utilizada em nossos tempos atuais, defina o que significa a expressão "preconceito":

_____

_____

_____

_____

f) Faça o mesmo em relação a "alienação":

_____

_____

_____

_____

g) Após estudar a teoria, relacione abaixo as formas das pessoas reagirem, como mecanismos de defesa:

_____

_____

_____

_____

h) Para melhor apreender o assunto: quais os fatores que podem provocar a chamada "crise de consciência"?

_____

_____

_____

_____

5. OS DILEMAS DA ÉTICA

Por que se percebe tanta diferença entre o discurso e a prática quando se trata de ética? Uma primeira explicação é a de que o discurso, por habitar o mundo das idéias, é mais fácil de mudar do que a prática, sujeita a atritos e obstáculos. Outra explicação, mais pessimista, é a de que o discurso está dissociado da prática.

Se por um lado a evolução do discurso ético propiciou um "despertar" nos profissionais, por outro impinge a ética como mercadoria. Em grandes empresas, por exemplo, ações de responsabilidade social vêm sendo usadas como reforço de propaganda, com verbas que saem do departamento de marketing! O problema não está, é claro, nas ações sociais, mas surge quando se confundem essas ações com o que é o cerne da atitude ética: o modo de enfrentar os dilemas cotidianos.

Conflitos éticos não faltam no mundo dos negócios, no dia-a-dia profissional. A solução não está, somente, em se criar um Código de Ética da categoria; tem que haver a atitude ética integral. O profissional, seja de que área for, deve ter um comportamento ético mesmo que em detrimento de benefícios intangíveis a curto prazo. Porque ética se constrói. Não vem de cima para baixo, de fora para dentro. O agente tem que estar consciente de suas ações. Durante algum tempo, acreditou-se que ética e negócios não combinavam; onde havia a primeira, os segundos eram fadados ao insucesso. A visão mudou: a ética impõe restrições nos negócios, que hoje são baseados na honestidade, verdade e justiça. Embora tenhamos a tentação de associar ética a convicções perenes, o fato é que os valores da sociedade mudam. Já foi

considerado ético ter escravos. Já foi considerado ético revistar funcionárias na saída do trabalho para verificar se furtavam peças. O lado bom do discurso ético é a apropriação da exigência de transparência e correção.

Essencialmente, a eticidade é apenas uma apresentação abstrata de conduta, mas as condutas concretas, invariavelmente, serão praticadas por vontade de um ou mais indivíduos. A conduta humana sofre os efeitos da ambiência em que se desenvolve a profissão

EXERCICIOS

I - Assinale a alternativa correta.

1. Diante da definição: "Ciência do que o homem deve ser em função daquilo que ele é", podemos dizer que estamos falando de:
   a) Ética
   b) Antropologia
   c) História
   d) Psicologia
   e) Sociologia

2. O homem, através de sua racionalidade, busca conhecer a si e ao mundo que o cerca. Neste sentido, a ética:
   a) Não ajuda em nada o ser humano
   b) É um dos caminhos para a busca do aperfeiçoamento humano.
   c) É uma imposição aleatória ao ser humano.
   d) É uma ciência praticada somente por filósofos.
   e) Só existe se forem editados os códigos de ética.

3. Na análise de determinada atitude, identificamos o agente consciente, isto é, aquele que conhece a diferença entre bem e mal, certo e errado, permitido e proibido, virtude e vício. Podemos afirmar que neste caso, o agente tem uma:
   a) formação filosófica adequada
   b) capacidade de liberar desejos e impulsos
   c) conduta ética
   d) submissão ao poder instituído
   e) formação cultural eclética

4. Assinale a alternativa correta:
   a) O fundamento único da Ética é a Filosofia
   b) A Ética está centrada na Sociologia
   c) A Antropologia é o fundamento da Ética
   d) A Ética tem como fundamento o próprio ser e agir do homem
   e) n.d.a.

5. As virtudes éticas são disposições estáveis para agir bem, e a aquisição dessas virtudes pelo homem, exige:
   a) capacidade intelectual
   b) condição genética favorável
   c) profundo conhecimento filosófico
   d) conhecimento sobre teologia
   e) prática constante através do exercício das mesmas.

6. A Ética antecede os códigos, normas e leis porque:
   a) é uma ciência que não se impõe aleatoriamente ao ser humano; ele tem que viver por si os fundamentos objetivos da ética, para assimilá-los.
   b) Faz parte da recente reclassificação das Ciências Modernas.
   c) Foi criada por Platão.
   d) Foi criada por Aristóteles.

e) n.d.a.

7. Existe um princípio ético fundamental, que é evidente por si mesmo para todas as pessoas. Assinale a alternativa em que o mesmo está expresso:
a) A vida humana é muito mais dinâmica do que os enquadramentos que são feitos dela.
b) É necessário fazer o bem e evitar o mal.
c) De tempos em tempos, o homem está à procura de si.
d) Eticamente, sempre existiram os dominantes e os dominados.
e) n.d.a.

8. Assinale a alternativa que conceitua "bem" em contraposição a "mal":
a) Uma relação constituída entre duas ou mais realidades.
b) Uma composição harmônica da interação humana.
c) Bem é tudo aquilo que está de acordo com a natureza em geral e especialmente com a natureza humana, perfazendo uma harmonia no todo.
d) Uma negação que priva o ser humano de se complementar.
e) n.d.a.

9. Ética profissional é a aplicação da ética geral no campo das atividades profissionais específicas; esta afirmação é verdadeira desde que:
a) o agente tenha boa formação acadêmica
b) o agente desempenhe a sua profissão há muito tempo
c) o agente conheça Filosofia e Antropologia
d) o agente esteja imbuído de valores próprios do ser humano (virtudes) para vivê-los em suas atividades profissionais.
e) n.d.a.

10. Assinale a alternativa em que não está expressa uma virtude humana:
a) prudência
b) justiça
c) temperança
d) firmeza interior
e) avareza

11. Dizer que o homem é um ser prático, significa:
a) que ele organiza mentalmente a realidade, percebendo que nela pode intervir e transformá-la.
b) que ele é tarefeiro.
c) que ele é teorizante.
d) que ele age apenas instintivamente.
e) que ele pratica as tarefas da mesma forma que os animais.

12. Assinale a alternativa que contém afirmativa correta:
a) Política é a forma que o indivíduo tem para comandar os outros, em seu benefício exclusivo, ou de uma minoria que ele representa.
b) Política é o estabelecimento de estratégias para comandar na sociedade, visando o benefício de todas as pessoas.
c) Política, em sentido amplo, é a procura do bem-estar individual.
d) Política não é para qualquer pessoa.
e) n.d.a.

13. O homem é um ser estético, porque:
a) Aprecia a beleza das mulheres.
b) Tem imaginação fértil.
c) Vive à procura de harmonia, da coerência, da perfeição das formas, da unidade das coisas.
d) Não aprecia sair do terreno seguro do já conhecido, em busca do que é novo.
e) n.d.a.

14. Para que haja ética, um dos pressupostos básicos é que o homem seja livre, porque:
a) ele não precisa de limitações.
b) ele possui ideais altruístas.
c) é mais importante ser livre de regulamentos.
d) qualquer ação, gesto ou pensamento só tem valor moral se tiver sido concebido com liberdade.
e) n.d.a.

15. Dizer que o homem é um ser volitivo, significa:
a) que ele não tem querer pessoal.
b) que ele não é responsável pelos seus atos.
c) que ele não responde por seus erros e fracassos, pois nunca é o culpado.
d) que ele constrói sua vida a partir dos erros dos outros.
e) que a vontade é a faculdade pela qual a pessoa toma decisões em sua vida.

16. A Ética possui fundamentos que podem ser aferidos objetivamente. Dentre eles:
a) Que o homem é um ser corpóreo, volitivo e inteligente.
b) Que o homem é um ser científico.
c) Que o homem é um ser analítico.
d) Que o homem é um ser econômico.
e) n.d.a.

17. Ao analisar o fundamento objetivo ético de que o homem é um ser social, significa:
a) que ele precisa freqüentar festas para interagir com outros indivíduos.
b) que ele é chamado a conviver em grupo, não conseguindo viver isolado.
c) que ele é individualista.
d) que ele é a criação de novas realidades.
e) n.d.a.

18. Dizer que o homem é um ser histórico, significa:
a) que ele tem conhecimento da História Antiga
b) que ele deve permanecer inerte, numa atitude de contemplação diante da vida
c) que ele é chamado a criar os fatos ou acontecimentos de sua época, e não a sofrê-los, passivamente.
d) que ele tem o poder de permanecer numa atitude fatalista diante da vida.
e) n.d.a.

19. Para o estudo da ética, "consciência" significa:
a) a noção que a pessoa tem de si mesma
b) ser honesto e justo
c) ser sincero e coerente
d) a capacidade de distinguir entre o bem e o mal para si mesmo.
e) n.d.a.

20. Embora a ética tenha uma base comum a todas as pessoas, é uma construção:
a) coletiva e descontínua.
b) pessoal e descontínua, dependendo da idade do agente.
c) coletiva , histórica e social.
d) coletiva e dinâmica.
e) pessoal, contínua e dinâmica.

Código de Ética dos Técnicos em Radiologia

CONSELHO NACIONAL DE TÉCNICOS EM RADIOLOGIA

CÓDIGO DE ÉTICA DOS PROFISSIONAIS DAS TÉCNICAS RADIOLÓGICAS

PREÂMBULO

I - O código de Ética Profissional enuncia os fundamentos éticos e as condutas necessárias a boa e honesta praticas das profissões do Tecnólogo, Técnico e Auxiliar de Radiologia e relaciona direitos e deveres correlatos de seus profissionais inscritos no sistema CONTER/CRTRs e das pessoas jurídicas correlatas.

II - Para o exercício da profissão de Tecnólogo, Técnico ou Auxiliar de Radiologia impõe-se a inscrição no Conselho Regional da respectiva Jurisdição.

III - Os preceitos deste Código de Ética têm alcance sobre os profissionais das Técnicas Radiológica e Auxiliares de Radiologia, quaisquer que sejam seus níveis de formação, modalidades e especializações.

CAPITULO I

DA PROFISSÃO

Art. 1º - É objeto da profissão do Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia o disposto na Lei nº 7.394, de 29 de outubro
de 1985, regulamentada pelo Decreto nº 92.790 de 17 de junho de 1086, nas seguintes áreas;

I - Radiologia, no setor de diagnostico médico;

II - Radioterápicas, no setor de Terapia medica;

III - Radioisotopicas, no setor de Radioisótopos;

IV - Radiologia Industrial, no setor Industrial;

V - De medicina nuclear.

CAPITULO II

NORMAS FUNDAMENTAIS

Art. 2º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar de Radiologia, no desempenho de suas atividades profissionais, deve respeitar integralmente a dignidade da pessoa Humana destinatária de seus serviços, sem restrição de raça nacionalidade, partido político, classe social e religião.

Parágrafo Primeiro - Respeitar integralmente a dignidade da pessoa humana destinatária de seus serviços, sem restrição de raça, nacionalidade, sexo, idade, partido político, classe social e religião.

Parágrafo segundo - Pautar sua vida observando na profissão e fora dela, os mais rígidos princípios morais para a elevação de sua dignidade pessoal, de sua profissão e de toda a classe, exercendo sua atividade com zelo, probidade e decoro, em obediência aos preceitos da ética profissional, da moral, do civismo e da legislação em vigor.

Parágrafo terceiro - Dedicar-se ao aperfeiçoamento e atualização de seus conhecimentos técnicos científicos e a sua cultura geral, e assim para a promoção do bem estar social.

Art. 3º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar de Radiologia, no exercício de sua função profissional, complementará a definição de suas responsabilidades, direitos e deveres nas disposições da legislação especial ou em geral, em vigor no país.

CAPITULO III

DAS RELAÇÕES COM O CLIENTE/PACIENTE

Art. 4º - O alvo de toda a atenção do Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia é o cliente/paciente, em beneficio do qual deverá agir com o máximo de zelo e o melhor de sua capacidade técnica e profissional.

Art. 5º - Fica vedado ao Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia, obter vantagem indevida aproveitando-se da função ou em decorrência dela, sejam de caráter físico, emocional econômica ou política, respeitando a integridade física e emocional do cliente/paciente, seu pudor natural, sua privacidade e intimidade.

Art. 6º - Ao Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia é expressamente vedado fornecer ao cliente/paciente, informações diagnósticas verbais ou escritas sobre procedimentos realizados.

CAPITULO IV

DAS RELAÇÕES COM OS COLEGAS

Art. 7º - É vedado ao Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia:

Parágrafo primeiro - Participar de qualquer ato de concorrência desleal contra colegas, valendo-se de vantagem, física, emocional, política ou religiosa.

Parágrafo segundo - Assumir emprego, cargo ou função de um profissional demitido ou afastado em represália a atitude de defesa de movimentos legítimos da categoria e da aplicação deste código.

Parágrafo terceiro - Posicionar-se contrariamente a movimentos da categoria, com a finalidade de obter vantagens.

Parágrafo quarto - Ser conivente em erros técnicos, infrações éticas e com o exercício irregular ou ilegal da profissão.

Parágrafo quinto - Compactuar, de qualquer forma, com irregularidades dentro do seu local de trabalho, que venham prejudicar sua dignidade profissional, devendo denunciar tais situações ao Conselho Regional de sua jurisdição.

Parágrafo sexto - Participar da formação profissional e de estágios irregulares.

CAPITULO V

DAS RELAÇÕES COM OUTROS PROFISSIONAIS

Art. 8º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia tem obrigação de adotar uma atitude de solidariedade e consideração a seus colegas, respeitando sempre os padrões de ética profissional e pessoal estabelecidos neste código, indispensáveis a harmonia e a elevação de sua profissão, dentro da classe e no conceito da sociedade.

Parágrafo Único - As relações do Tecnólogo, Técnico e Auxiliar de Radiologia, com os demais profissionais, no exercício da sua profissão, devem basear-se no respeito mutuo, na liberdade e independência profissional de cada um, buscando sempre o interesse e o bem estar do cliente/paciente.

Art. 9º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia se obriga, caso seja solicitado seu depoimento em processo administrativo, judicial ou procedimento de dispensa por justa causa a depor compromissado com a verdade, sobre fatos que envolvam seus colegas, de que tenha conhecimento em razão do ambiente profissional, jamais dando falso testemunho para obter vantagens com alguma das partes ou prejudicar injustamente os mesmos.

Parágrafo único - Ao Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia é terminantemente vedada a obtenção de informações prejudiciais ao seu colega, utilizando-se de meio ilícito ou imoral a fim de obter qualquer vantagem pessoal e profissional, em detrimento da imagem do outro.

Art. 10º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia deve reconhecer as limitações de suas atividades, procurando desempenhar suas funções segundo as prescrições medica e orientações técnicas do Coordenador Técnico do serviço.

Art. 11º - Quando investido em função de Chefe, Coordenador ou Supervisor, deve o Tecnólogo ou Técnico em Radiologia, em suas relações com colegas, auxiliares e demais funcionários, pautar sua conduta pelas normas do presente Código, exigindo deles igualmente fiel observância dos preceitos éticos.

CAPITULO VI

DAS RELAÇÕES COM OS SERVIÇOS EMPREGADORES

Art. 12º - O Tecnólogo ou Técnico em Radiologia deverá abster-se junto aos clientes de fazer critica aos serviços hospitalares, assistenciais, e a outros profissionais, devendo encaminhá-la, por escrito, à consideração das autoridades competentes.

Art. 13º - Deverá o Tecnólogo ou Técnico em Radiologia, empregado ou sócio, respeitar as normas da instituição utilizadora dos seus serviços, desde que estas não firam o presente Código de Ética.

Art. 14º - O Tecnólogo ou Técnico em Radiologia, tem o dever de apontar falhas nos regulamentos e normas das instituições em que trabalhe, quando as julgar indignas do exercício da profissão ou prejudiciais aos clientes, devendo dirigir-se, nesses casos, aos órgãos competentes e ao Conselho Regional de Técnicos em Radiologia de sua jurisdição.

Parágrafo único - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia, uma vez constatado condições indignas de trabalho que possam prejudicar a si ou a seus clientes/pacientes deve encaminhar, por escrito, à Direção da instituição relatório e pedido de providencias, caso persistam comunicar às autoridades competentes.

Art. 15º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia deve recusar-se a executar atividades que não sejam de sua competência legal.

CAPITULO VII

DAS RESPONSABILIDADES PROFISSIONAIS

Art. 16º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia deve:

Parágrafo primeiro - Preservar, em sua conduta, a honra, a nobreza e a dignidade da profissão, zelando pelo seu caráter de essencialidade e indispensabilidade, pela sua reputação pessoal e profissional.

Parágrafo segundo - Reconhecer as possibilidades e limitações no desempenho de suas funções profissionais e só executar técnicas radiológicas, radioterápicas, nuclear e industrial, mediante requisição ou solicitação do especialista.

Parágrafo terceiro - Assumir civil e penalmente responsabilidades por atos profissionais danosos ao cliente/paciente a que tenha dado causa por imperícia, imprudência, negligencia ou omissão.

Parágrafo quarto - Assumir sempre a responsabilidade profissional de seus atos, deixando de atribuir, injustamente, seus insucessos a terceiros ou a circunstancias ocasionais, devendo primar pela boa qualidade do seu trabalho.

Art. 17º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia, deve observar, rigorosa e permanentemente, as normas legais de proteção contra as radiações ionizantes no desempenho de suas atividades profissionais, para resguardar sua saúde, a do cliente, de seus auxiliares e de seus descendentes.

Art. 18º - Será de responsabilidade do Tecnólogo ou Técnico em Radiologia, que estiver operando o equipamento emissor de Radiação a isolação do local, a proteção das pessoas nas áreas irradiadas e a utilização dos equipamentos de segurança, em conformidade com as normas de proteção Radiológica vigentes no País.

Art. 19º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia é obrigado a exigir dos serviços em que trabalhe todo o equipamento indispensável de proteção radiológica, cumprindo determinações legais e adotando o procedimento descrito no parágrafo único do art. 16 deste Código, podendo, caso persistam, negar-se a executar exames, procedimentos ou tratamentos na falta dos mesmos.

Art. 20º - O Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia jamais poderá deixar de cumprir as normas emanadas dos Conselhos Federal e Regionais de Técnicos em Radiologia e de atender as suas requisições administrativas, intimações ou notificações no prazo determinado.

Art. 21º - A fim de garantir o acatamento e cabal execução deste Código, cabe ao Tecnólogo, Técnico e o Auxiliar em Radiologia comunicar ao Conselho Regional de Radiologia, com discrição e fundamento, fatos de que tenha conhecimento e que caracterizem possível infrigência do presente Código e das normas que regulam o exercício das Técnicas Radiológicas no país.

CAPITULO VIII

DA REMUNERAÇÃO PROFISSIONAL

Art. 22º - Os Serviços profissionais do Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia, devem ser remunerados em níveis compatíveis com a dignidade da profissão e sua importância reconhecida na área profissional a que pertence.

Parágrafo único - Ao candidatar-se a emprego, deve procurar estipular as suas pretensões salariais, nunca aceitando ofertas inferiores às estabelecidas na legislação em vigor e nas negociações feitas pelo órgão de classe.

Art. 23º - A remuneração do Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia será composta de salários, comissões e produtividade, por qualidade, participações em faturamento de empresas ou departamentos radiológicos, cursos, aulas, palestras, supervisão, chefia e outras receitas por serviços efetivamente prestados, sendo terminantemente vedado o recebimento de gratificações extras de cliente/paciente ou acompanhante.

CAPÍTULO IX

DO SIGILO PROFISSIONAL

Art. 24º - Constitui infração ética:

I - revelar, sem justa causa, fato sigiloso de que tenha conhecimento em razão do exercício de sua profissão;

II - negligenciar na orientação de seus colaboradores quanto ao sigilo profissional;

III - fazer referência a casos clínicos identificáveis, exibir clientes ou seus retratos em anúncios profissionais ou na divulgação de assuntos Radiológicos em programas de rádio, televisão ou cinema, e em artigos entrevistas ou reportagens em jornais, revistas, congressos e/ou simpósios, ou outras publicações legais, salvo se autorizado pelo cliente/paciente ou responsável.

Parágrafo único - Compreende-se como justa causa, principalmente:

1.colaboração com a justiça nos casos previstos em Lei;

2.notificação compulsória de doença;

3.perícia radiológica nos seus exatos limites;

4.estrita defesa de interesse legítimo dos profissionais inscritos;

5.revelação de fato sigiloso ao responsável pelo incapaz.

CAPÍTULO X

DA PESQUISA CIENTÍFICA

Art. 25º - Constitui infração ética:

I - desatender às normas do órgão competente à Legislação sobre pesquisa envolvendo as Radiações;

II - utilizar-se de animais de experimentação sem objetivos claros e honestos de enriquecer os horizontes do conhecimento das Radiações e, conseqüentemente, de ampliar os benefícios à sociedade;

III - realizar pesquisa em ser humano sem que este ou seu responsável, ou representante legal, tenha dado consentimento, livre e estabelecido, por escrito, sobre a natureza das conseqüências da pesquisa;

IV - usar, experimentalmente, sem autorização da autoridade competente, e sem o conhecimento e o consentimento prévio do cliente ou de seu representante legal, qualquer tipo de terapêutica ainda não liberada para uso no País;

V - manipular dados da pesquisa em benefício próprio ou de empresas e/ou instituições;

VI - divulgar assunto ou descoberta de conteúdo inverídico;

VII - utilizar-se sem referência ao autor ou sem sua autorização expressa de dados ou informações publicadas ou não.

VIII - publicar em seu nome trabalho científico do qual não tenha participado ou atribui-se autoria exclusiva quando houver participação de subordinado ou outros profissionais, tecnólogos/técnicos/Auxiliar ou não.

CAPÍTULO XI

DAS ENTIDADES COM ATIVIDADES NO AMBITO DA RADIOLOGIA

Art. 26º - Aplicam-se as disposições deste Código de ética e as normas dos Conselhos de Radiologia a todos aqueles que exerçam a radioimaginologia, ainda que de forma indireta, sejam pessoas físicas ou jurídicas.

Art. 27º - Os profissionais quando proprietário ou responsável Técnico responderão solidariamente com o infrator pelas infrações éticas cometidas.

Art. 28º - As entidades mencionadas no artigo 26 ficam obrigadas a:

Parágrafo primeiro - Indicar o Supervisor técnico, de acordo com a legislação vigente;

Parágrafo segundo - Manter a qualidade técnica científica dos trabalhos realizados;

Parágrafo terceiro - Propiciar ao profissional, condições adequadas de instalações, recursos materiais, humanos e tecnológicos os quais garantam o seu desempenho pleno e seguro.

CAPITULO XII

DOS CONSELHOS NACIONAL E REGIONAIS E DA OBSERVÂNCIA

E APLICAÇÃO DO CÓDIGO

Art. 29º - Compete somente ao Conselho Nacional e aos Conselhos Regionais orientar, disciplinar e fiscalizar o exercício da profissão de Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia, bem como aplicação de medidas disciplinares que possam garantir a fiel observância do presente Código.

Parágrafo único - Ao se inscrever em qualquer Conselho Regional o Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia assume tacitamente a obrigação de respeitar o presente Código.

CAPITULO XIII

DAS PENALIDADES

Art. 30º - Os preceitos deste Código são de observância obrigatória e sua violação sujeitará o infrator e quem, de qualquer modo, com ele concorrer para a infração, ainda de forma omissa as seguintes penas:

1.Advertência confidencial

2.Censura Confidencial

3.Censura Publica em publicação oficial;

4.Multa no valor de até 10 anuidades;

5.Suspensão do exercício profissional por 30 dias;

6.Cassação do exercício profissional "ad referendum" do Conselho Nacional

Parágrafo Único - Salvo nos casos de manifesta gravidade, que exijam aplicação mediata das penalidades mais sérias, a imposição das penas obedecerá a graduação conforme a reincidência;

Art. 31º - Considera-se de manifesta gravidade, principalmente:

I - Levantar falso testemunho ou utilizar-se de má-fé e meios ilícitos contra colega de profissão com o objetivo de prejudicá-lo;

II - Acobertar ou ensejar o exercício ilegal ou irregular da profissão;

III - Manter atividade profissional durante a vigência de penalidade suspensiva;

IV - Exercer atividade privativa de outros profissionais;

V - Exercer, o Auxiliar, atividade inerente ao Tecnólogo e ao Técnico em Radiologia;

VI - Ocupar cargo cujo profissional dele tenha sido afastado por motivo de movimento classista;

VII - Ofender a integridade física ou moral do colega de profissão ou do cliente/paciente;

VIII - Atentar contra o decoro e a moral dos dirigentes do órgão a que pertence.

Art. 32º - São circunstâncias que podem atenuar a pena:

I - Não ter sido antes condenado por infração ética;

II - Ter reparado ou minorado o dano.

Art. 33º - Avalia-se a gravidade pela extensão do dano e por suas conseqüências;

Art. 34º - A pena de multa aplicada em casos de transgressões não prejudica a aplicação de outra penalidade concomitantemente;

Art. 35º - As referidas penas serão aplicadas pelos Conselhos Regionais e comunicadas ao Conselho Nacional que dará ciência aos demais Conselhos Regionais.

Art. 36º - Ao penalizado caberá recurso suspensivo ao Conselho Nacional até 30 (trinta), dias após a notificação.

Parágrafo único - A parte reclamante ou a acusação, também caberá recurso até 30 (trinta), dias após o julgamento.

Art. 37º - Em caso de reincidência, a pena de multa deverá ser aplicada em dobro.

Art. 38º - Somente na secretaria do Conselho Regional poderão as partes ou seus procuradores terem vistas do processo, tirar cópias mediante pagamento das custas, podendo, nesta oportunidade tomar as notas que julgarem necessárias a defesa ou acusação.

Parágrafo Único - É expressamente vedada a retirada de processos pelas partes ou seus procuradores, sob qualquer pretexto, da secretaria do Conselho Regional, sendo igualmente vedada lançar notas nos autos ou sublinhá-los de qualquer forma.

CAPITULO XIV

DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

Art. 39º - As duvidas e os casos omissos serão resolvidos pelo Conselho Nacional, para o qual podem ser encaminhadas consultas que, não assumindo caráter de denúncia, incorrerão nas mesmas exigências de discrição e fundamentação.

Art. 40º - Caberá ao Conselho Nacional e aos Conselhos Regionais, bem como a todo Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia, promoverem a mais ampla divulgação do presente Código.

Art. 41º - O presente Código de Ética do Tecnólogo, Técnico e Auxiliar em Radiologia, elaborado pelo Conselho Nacional de Técnicos em Radiologia, atende ao disposto do artigo 16º, do Decreto nº 92.790/96, de 17 de julho de 1986.